





é a sensuosidade (sensuousness). É isto que tem Keats. Em Shelley a beleza é sempre intelectualizada, sempre eterealizada, espiritualizada sempre. Em Keats não. Elle mergulha-se no mar da beleza - qualquer beleza - mulher, flôr, mar, luz de luar, canto de ave - ~~mas~~ sem pensar no fundo d'esse mar. Em Shelley sente-se sempre, ~~inconsc~~ inconscientemente quando não com consciencia, que o elemento mysterioso e transcendente da beleza o toca e que o aflige mesmo profundamente. A não permanencia da beleza é a dôr de Keats. A insuficiencia da beleza, por suggerir outra beleza maior para a qual a alma se eleva anseia é a dôr de Shelley, que é essencialmente, como já dissemos, o poeta da aspiração. Nos versos de Keats ha mais calôr do que nos de Shelley, nos versos de Shelley ha mais luz do que nos de Keats.

Os versos de Keats lembram uma noite suave de verão, passado, sentindo recostado, fechados os olhos, entre o arvoredado, sentindo n'um deleite sensuoso, levemente amargurado, por isso, não visto do luar, o perpassar macio da brisa, o aroma espalhado das flores, e nem de longe nem de perto, mas vagamente localizado, o canto do rouxinol.

A poesia de Shelley lembra uma noite de primavera, vista d'um terraço abaixo do qual se estende a paisagem inteira, arvoredos, campo, lago, debaixo d'um luar nitido e {...}, onde a brisa não sentida mas ouvida mysteriosamente; o aroma das flores chega aqui só vagamente; o rouxinol não canta. Mas a alma, vencida por tanta beleza sente-se anciada, angustiada, confrangida, enquanto o luar em esteiro ~~para~~ prateia {...} a nocturna solidão das aguas.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).